



## A OUSADIA COMPORTADA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO NA COLUNA *GAROTAS DA REVISTA O CRUZEIRO (1950-1964)*

Daniela Queiroz Campos <sup>1</sup>

As *Garotas* do Alceu consistem em personagens de uma coluna de humor de uma famosa revista semanal. Mocinhas ilustradas por 28 anos, naquela que era considerada a maior revista brasileira de outrora. Bonecas ilustradas por Alceu Penna de 1938 à 1964 e com textos de 5 diferentes escritores durante este período. Enfim, a coluna consistia em duas páginas compostas por ilustrações de bonecas e divertidas tirinha. Naquela revista as bonequinhas de Alceu alcançaram leitoras e leitores do país inteiro. Encantaram, fizeram sonhar, fizeram imaginar. Imaginar a vida daquelas mocinhas, seu cotidiano, sua cidade. Cidade, que como elas, modificaram-se naquelas quase 3 décadas.

Por um lado, as garotas, por vezes, ignoravam ou escapavam de certo padrões de recato e pudor e brincavam com as expectativas sociais com relação às “moças de família”. Podiam tomar a iniciativa da conquista ou do beijo na boca, cometer pequenas infidelidades, optar por roupas mais indecentes, despertar ciúmes em esposas, desprezar homens maduros (considerados bons partidos pelo mundo adulto, mas velho pelas moças) preferindo jovens animados. Eram capazes de ir a bailes desacompanhadas, de ser vulneráveis a paquera (capazes de “aderir”, de “dar pelota” às cantadas dos rapazes), de sair com vários rapazes ou manter compromissos com dois ou três ao mesmo tempo, de acompanhar os desfiles militares apenas para paquerar os cadetes, de assumir que preferiam os rapazes que têm carro, de desprezar as prendas domésticas em favor das diversões, de esquecer os estudos pensando nos namoros.<sup>2</sup>

No que tange à análise de gênero, podemos perceber que a coluna estudada não se encaixa exatamente nos padrões propostos pelas demais revistas femininas da época, nem mesmo pelas outras colunas da revista *O Cruzeiro*. São inúmeras as colunas e revistas ditas femininas, que falam sobre mulheres e ou para mulheres no período estudado. Também são vários os trabalhos acadêmicos que investigaram esses impressos. No que se refere à normativa de comportamento feminino, a multiplicidade de revistas e trabalhos convergem para os mesmos pontos, o modelo de mulher quando jovem, moça de família, e quando adulta, rainha do lar.

Revistas de mulheres, seções para mulheres, colunas de mulheres. A leitura constituiu-se como prática da mulher do mundo moderno. A leitura feminina como prática do privado. Uma imagem bastante recorrente em inúmeros quadros e retratos. A mulher em seus aposentos confortavelmente instalada envolta por almofadas segurando um livro. Segundo Roger Chartier, as

<sup>1</sup> Doutoranda do curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientanda da professora Doutora Maria Bernardete Ramos Flores..

<sup>2</sup> BASSANEZI, Carla e e URSINI, Lesley Bombonato. *O Cruzeiro e as Garotas*. In: Cadernos Pagu (4) 1995. p. 249.



primeiras representações de leitura são as que mostram a leitura no foro do privado “[...] da intimidade subtraída ao público, do isolamento intenso, afetivo intelectual ou espiritual”.<sup>3</sup> As representações de leituras feitas por pintores do século XVIII eram, sobretudo, femininas<sup>4</sup>; no espaço do privado, mulheres e livros. A tela de Fragonard *A moça lendo*<sup>5</sup>, é um bom exemplo desta representação “[...] confortavelmente instalada, lê com atenção comportada e aplicada um livro elegantemente seguro na mão direita”<sup>6</sup>. Todavia, essas representações femininas de leitura abordam em especial a leitura de romances. Para Maria Teresa Santos Cunha, “[...] uma ligação com o fato que, tradicionalmente, se atribui a mulher burguesa a dimensão do privado, da casa, da intimidade e, por conseguinte, com mais disponibilidade de tempo para a leitura de romances”<sup>7</sup>.

No Brasil, desde o Império, a mulher fazia-se presente no contexto das letras, da leitura e dos livros. A leitura como prática recorrente feminina é fixada no país antes mesmo da República. Entretanto, nem só romances fizeram parte do repertório das leituras dessas mulheres. Outros tipos de livros também o fizeram, assim como outros tipos de impressos, como os periódicos. Revistas femininas figuram no cenário dos periódicos brasileiros desde o século XIX<sup>8</sup>. Periódicos como o *Jornal das Senhoras*, de 1852, entre outros. Naquelas revistas do século XIX, as mulheres passaram a ocupar também o lugar de escritoras e jornalistas, como na revista carioca *Belo Sexo*, de 1862, e na mineira *O Sexo Feminino*, de 1873.

Entretanto, voltemos aos periódicos brasileiros que circularam no cenário das décadas centrais do século XX. Carla Bassanezi realizou um trabalho de fôlego acerca das revistas que circularam entre 1945 e 1964<sup>9</sup> em território nacional. Outros trabalhos de outros historiadores e de outros acadêmicos também foram tecidos acerca da mesma questão no período estudado: revistas.

O *Jornal das Moças*, segundo o IBOPE, era a revista feminina de maior popularidade na década de 1950, na cidade do Rio de Janeiro e na cidade de São Paulo. A primeira edição deste impresso data do início do século, “é uma publicação carioca já com mais de 30 anos em 1945, que vive de assinaturas e vendas avulsas “em todo o Brasil”.”<sup>10</sup> Outros periódicos bastante lidos pelas

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p.214.

<sup>4</sup> Telas que representam a leitura feminina no foro do privado são bastante recorrentes no século XVIII, a exemplo *Cena de interior* de Jeaurat, coleção particular e *A leitura* de BAUDOIN, Museu das Artes Decorativas, Paris.

<sup>5</sup> *A moça lendo*, tela de Fragonard, 1776. National Gallery, Washington.

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. op.cit. p.214.

<sup>7</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999. p.25.

<sup>8</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República*, São Paulo (1890 – 1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

<sup>9</sup> BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: Revistas Femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

<sup>10</sup> Ibid. p. 23.



mulheres daqueles *anos dourados* eram as revistas de fotonovelas<sup>11</sup>. Entre elas, as de maior destaque por suas circulação eram *Capricho* e *Grande Hotel*. “As revistas de FN são um arrojo de poucos elementos (amor, casamento, sexo, beleza e necessidades lúdicas) trabalhados sob forma de imaginário, de conselho ou de informação”.<sup>12</sup> Por serem consideradas muito “sentimentais”, eram proibidas em muitas famílias “por focalizarem, paixões arrebatadoras, mocinhas decididas, cenas “picantes” etc”.<sup>13</sup> Revistas sobre o Rádio e o Cinema também alcançavam números relativamente bons de circulação. Esses impressos traziam, de maneira geral, informações sobre os astros e as estrelas do cinema americano e do Rádio Nacional. Outra revista de grande destaque na época era *Querida*, uma revista carioca quinzenal publicada desde 1953. Abordava assuntos ditos femininos, como juventude, moda, beleza, culinária, família. A revista *Claudia* era considerada a revista feminina moderna daqueles tempos de outrora. O início de sua circulação data de 1961. O periódico trazia o ideal da vida moderna vinculada ao consumo, a publicidade era marcante.

A revista *O Cruzeiro*, ao abordar as questões sobre comportamento feminino, não é homogênea. “Em média, destacavam-se no semanário aproximadamente 30% das páginas para assuntos relacionados ao imaginário feminino, que não compunham apenas um perfil feminino, mas sim vários perfis”<sup>14</sup>. Essas páginas direcionadas à mulher estavam distribuídas ao longo do periódico, e não apenas da seção intitulada *Assuntos Femininos*<sup>15</sup>. Nesta seção voltada para mulher eram publicadas as colunas: *Elegância e Beleza*, *Da mulher para a mulher* e *Lar doce lar*<sup>16</sup>. Contudo muito mais páginas da revista ilustrada eram dedicadas ao público feminino. Existiam fotonovelas, contos, colunas de moda, cinema e eventos sociais. A coluna *Garotas*, por sua vez, encontrava-se no sumário da revista, vinculada a seção de humor.

Apesar de vários perfis femininos terem sido contemplados nas páginas de *O Cruzeiro*, devemos pontuar que as mulheres que estamparam os textos e as imagens da revista eram de classes

---

<sup>11</sup> A fotonovela é uma forma narrativa que vincula texto e imagem. Nasce como um subproduto do cinema. Depois da Segunda Grande Guerra Mundial, na Itália, o sucesso do cinema e as dificuldades econômicas fizeram emergir impressos que continham resumo dos filmes. “Um das formas mais popularizadas de apresentação dos resumos era o cine-romance – composto de escolha das fotos de um filme e de um texto sucinto”. Ver mais em: HABERT, Angeluccia Bernardes. *Fotonovela e indústria cultural: estudos de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

<sup>12</sup> HABERT, Angeluccia Bernardes. Op. cit. p.23.

<sup>13</sup> BASSANEZI, Carla Beozzo. Op.cit. p. 33.

<sup>14</sup> SERPA, Leoní Teresinha Vieira. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo, Editora UPF, 2003.

<sup>15</sup> A seção voltada para as mulheres em *O Cruzeiro* no início da década de 1950 era intitulada de *Assuntos Femininos*, em 1954 passa a ser chamada de *Para a mulher*, e no final da mesma década é chamada de *Seção para a mulher*.

<sup>16</sup> Essas eram as colunas que podem ser consideradas fixas da seção. Todavia dependendo do ano de circulação da revista percebe-se diferentes páginas inseridas nesta seção, como colunas de moda e contos. Por exemplo a coluna *Etiqueta* em 1952 fazia parte na seção *Seções*, e em 1954 já encontra-se inserida na seção *Para a mulher*. O mesmo ocorre com as colunas de moda que por vezes apareciam *Figurinos* e por outras na seção para mulheres.



sociais elevadas. O cenário era urbano e elitista, as mulheres de *O Cruzeiro* pertenciam às camadas mais abastadas da sociedade.

Aos poucos fomos compreendendo como era a mulher representada nas páginas de *O Cruzeiro*. Fomos encontrando, cada vez mais, um universo feminino glamoroso, pois as moças da época espelhavam-se nas estrelas de Hollywood, usavam cosméticos e sonhavam em serem famosas, em ganhar concursos de beleza. Além das famosas do cinema, a revista revelava as estrelas do rádio, do teatro e do cinema nacional. As belas mulheres preenchiam as páginas em fotos, em relatos pitorescos das suas intimidades, em registro de presença e participação em eventos sociais, como bailes e salões de festas.<sup>17</sup>

*O Cruzeiro* não era a única revista da época a contemplar as mulheres de classes sociais mais elevadas, essa imagem é recorrente nos demais periódicos aqui citados. As revistas traziam impressas as imagens “femininas e masculinas, o modelo de família – branca, de classe média, nuclear hierárquica com papéis definidos -, regras de comportamento e opiniões sobre sexualidade, casamento, juventude, trabalho feminino e fecilidade conjugal”.<sup>18</sup> Bassanezi encontra reverberado nas revistas dos *anos dourados* um aparente consenso social acerca da moral e dos bons costumes, a imagem que a “boa sociedade” esperava das mulheres, um papel social idealizado para as mulheres de classe média e alta, alfabetizadas e urbanas.

As revistas femininas veiculam o que é considerado próprio do “mundo feminino” pelos seus contemporâneos. Seu conteúdo é marcado pela história. Nunca surgem como idéias revolucionárias, não abrem caminhos, mas também não podem ficar muito distantes das transformações de seu tempo, pois correm o risco de perder o seu público leitor. Ao mesmo tempo, as revistas são capazes de formar gostos, opiniões, padrões de consumo. Acabam servindo muitas vezes como guias de ação, conselheiras persuasivas e companheiras de lazer.<sup>19</sup>

As imagens da mulher transmitida por essas revistas obedecem à norma da moral e dos bons costumes da época. “Eram publicações bastante difundidas que se dirigiam a um público leitor feminino de classe média urbana que tratavam de assuntos e valores correspondentes a esse grupo social”.<sup>20</sup> Traziam os valores e a moral daquele grupo social, segundo o qual a felicidade feminina seria alcançada com a realização de um bom casamento, com a maternidade e os cuidados da casa, dos filhos e do esposo. Para atingir tal grau de “felicidade”, primeiramente caberia à mulher casar-se com um chamado “bom partido”. Um bom casamento dependia, sobretudo, da garota e de sua família; a candidata ao casamento deveria ser reconhecida pela sociedade como uma moça de família, conquistando, assim, respeito social. Ao contrário das moças de família, as levianas permitiam intimidades físicas com garotos antes do casamento. As

<sup>17</sup> SERPA, Leoní Teresinha Vieira. Op.cit. p.74.

<sup>18</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. de texto). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p.609.

<sup>19</sup> BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as Páginas*, Revendo as Mulheres: Revistas Femininas e relações homem-mulher, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p.15.

<sup>20</sup> BASSANEZI, Carla Beozzo. Op. cit. 1996. p.18.



moças levianas poderiam até ser cortejadas por muitos rapazes, entretanto não alcançariam o casamento.

Uma sociedade aparentemente contraditória, onde as garotas mais liberais são apreciadas pelos homens, mas não são escolhidas com esposas justamente por terem esta característica. As jovens solteiras são divididas entre moças casadoiras e “garotas de programa”; as do primeiro tipo devem conter sua sexualidade em limite bem estreitos – são “respeitadas” pelos rapazes principalmente se souberem “fazer-se respeitar – não permitindo intimidades e não dando motivos a fofoca, críticas ou más interpretações. As “moças de família”, reservadas para o casamento, *não* podem ser confundidas com as “levianas” (com quem os rapazes namoram mas não casam), nem com relação à reputação e muito menos com relação às atitudes.<sup>21</sup>

Na época, a educação da mulher era totalmente voltada para torná-la uma respeitada moça de família. O cinema americano chegou a ser muito criticado por alguns conservadores e até considerado uma má influência, porque mostrava hábitos condenáveis: moças ousadas, beijos escandalosos, intimidades desnecessárias com rapazes, o namoro dentro do automóvel. Assim como o cinema era controlado, a literatura também o era; pais e educadores deviam controlar a leitura das moças. A instrução feminina era papel desempenhado não só por pais e educadores, mas também pelos jornalistas. As revistas traziam mensagens que garantiam a repressão de comportamentos considerados desviantes e promíscuos.

Fotonovelas, contos, artigos, colunas e até mesmo a publicidade traziam em seus conteúdos conselhos de condutas. Conselhos de como uma moça de família deveria se portar no primeiro encontro, em um baile, em uma livraria, na praia, no clube. Eram novos lugares de sociabilidades, e um novo padrão de ser mulher, um padrão moderno. Eram incansáveis os conselhos que buscavam ensinar aquelas garotas a adquirir uma postura moderna, sem com isso ameaçar sua postura de jovens donzelas. Esses impressos periódicos exerceram importante papel na divulgação desses valores. Isto porque “Dentro do processo de modernização, observado pelas notícias e imagens publicitárias, é importante lembrar que a revista alcançava um número cada vez maior de pessoas, ao mesmo tempo, em diversas localidades do país”.<sup>22</sup>

Luciana Fornazari<sup>23</sup> mostra como estes novos padrões de comportamentos ditos “modernos” encontravam-se reverberados nas páginas da revista *O Cruzeiro*. Normativas de como ir a praia, de como se comportar em bailes. Segundo a historiadora, a imprensa, sobretudo a revista *O Cruzeiro*, fabricou uma subjetividade serializada na fabricação e manutenção das fronteiras sexuais. As imagens midiáticas vinculadas aquele periódico trouxeram um modelo desejável de ser homem e de

---

<sup>21</sup> Ibid. p.60.

<sup>22</sup> FORNAZARI, Luciana. *Gênero em Revista: Imagens de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós guerra*. Florianópolis: UFSC, 2001 (Dissertação de mestrado em História). P.60.

<sup>23</sup> Idem.



ser mulher no período. “Em outros termos, uma modernidade que, idealiza o gênero que se quer aparentar, o gênero que se quer ver”.<sup>24</sup> Buscava-se manter uma fronteira sexual bastante clara. Homens envoltos em um bom terno, usando um bom relógio. Um sujeito bem sucedido, com um bom emprego, um automóvel e uma bela casa. Deveria prover o bem estar de sua esposa e de seus filhos. A mulher, rainha do lar, zelaria pelo bem estar do esposo e do filho. Às mulheres coube seguir os discursos normatizadores, em especial o midiático, que as cercava, seja em casa, no trabalho, nos consultórios médicos ou nos salões de beleza.

Um importante papel social, cobrado das mulheres era a beleza. Este por sua vez, não foi exclusivo do recorte temporal estudado. Mas marcante nele. “A partir de meados dos anos 50 e começo dos anos 60, um novo discurso sobre a beleza e os cuidados com o corpo foi articulado e se propagou através da imprensa: a ideia de que modificar o corpo era não só possível, mas também necessário”.<sup>25</sup> Era a beleza conquistada. A beleza cuidada e zelada. Eram cremes, elixires, esmaltes, maquiagens. Pois, afinal, a beleza é o primeiro mandamento das mulheres. Uma beleza que, segundo Georges Vigarello, deve-se ater às normas, aos perfis, aos meios de embelezamento e de conservação “que dão sentido à atenção, os unguentos, a maquiagem, os segredo”.<sup>26</sup>

“A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparência”.<sup>27</sup> Imagens de belas mulheres são uma permanência. Diferentes tempos, diferentes pintores, escultores, ilustradores, todos acometidos do mesmo mal. Do mal que tomou Paris em sua escolha, Helena, e que ocasionou 10 anos de guerra, a Guerra de Tróia. A escolha da beleza em detrimento da coragem, da inteligência, do poder. A escolha que ultrapassou milênios, séculos, décadas. Pois a imagem feminina permanece atrelada, ao belo.

No Brasil, a Constituição de 1945 deu à mulher o direito ao voto, voto igual ao do homem. A pílula anticoncepcional foi inventada em 1956, mesmo só sendo legalizada anos mais tarde. As mulheres conquistaram o direito a frequentar os bancos das universidades, e depois a batuta das classes. Conquistaram o direito de exercer uma profissão, assim como os homens, mesmo que ainda hoje não tenham conquistado a igualdade de salários. Conquistaram o direito de permanecerem com

---

<sup>24</sup> Ibid. p.127.

<sup>25</sup> OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. *Beleza: uma questão de gênero*. Rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1990). Florianópolis: UFSC, 2005 (Tese de doutoramento em História). p.11.

<sup>26</sup> VIGARELLO, Geoges. *História da beleza*. O corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p.10.

<sup>27</sup> PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p.49.



seus sobrenomes após o casamento, todavia, ainda hoje a grande maioria ainda acresce o do marido ao seu. As mulheres conquistaram, até mesmo, o direito de ter uma história<sup>28</sup>.

Elas “[...] fumam, bebem, trabalham, circulam, viajam como eles, vivem e morrem quase como eles”.<sup>29</sup> Segundo Perrot, desde o nascimento, começam as diferenças. A mulher cresce e se desenvolve como sujeito de maneira bastante distinta dos homens. Enfrenta diferentes desafios, angústias, cobranças. Vamos aqui nos ater ao período de vida das personagens estudadas: a juventude. Para a historiadora, o rito de passagem para a adolescência praticamente não existe nas sociedades ocidentais, ou melhor, é muito pouco celebrada.

Norbert Elias aborda essas diferenças entre ritos de passagens nas antigas e “primitivas”<sup>30</sup> sociedades e nas sociedades atuais. Em sociedades, como as indígenas, o que marca a transição da criança para a vida adulta é um rito, uma festividade. Entretanto, quanto maior for o controle de instintos necessários para o desempenho da vida adulta em uma sociedade “[...] maior se torna, inevitavelmente, a distância entre o comportamento das crianças e dos adultos; quanto mais difícil se torna o processo civilizador individual, mais longo o tempo necessário para preparar as crianças para as funções adultas”.<sup>31</sup> O que ocorre é uma ampliação deste período de transição entre a infância e a vida adulta, uma ampliação deste período chamado de juventude. Outras considerações e problemáticas acerca da juventude serão melhor tecidas no capítulo 4.

Enquanto jovens e solteiras, as moças têm algo a ser zelado, a virgindade. Proteger a virgindade se torna uma obsessão familiar e social, segundo Perrot. Porém, um ponto muito interessante a ser percebido é a diferente condição da jovem de classes média e alta.

Diferenças sociais consideráveis marcam a condição das jovens. A liberdade da jovem solteira aristocrata, que monta a cavalo, pratica esgrima, tem um preceptor ou uma governanta, como seus irmãos e aprende rudimentos do latim, contrasta com a vigilância exercida sobre a jovem burguesa solteira, educada por sua mãe, iniciada às atividades domésticas e às artes de entretenimento (o indefectível piano), refinada por alguns anos de estudos ou de colégios internos e submetidas aos rituais de ingresso no mundo social, que visam o casamento. A filha das classes populares é posta a trabalhar muito cedo, geralmente em serviços domésticos.<sup>32</sup>

---

<sup>28</sup> Na França, principalmente, a partir da década de 1970 começaram a surgir disciplinas e pesquisar a cerca de uma história das mulheres. Em 1973 Pauline Schmitt, Fabienne Bock e Michelle Perrot ministraram o curso intitulado “As mulheres tem uma história?” na Universidade da Sorbonne. Rapidamente questões e problemática sobre a história das mulheres tomaram outras universidades francesas, assim como inglesas, holandesas, norte-americanas, canadenses, brasileiras, japonesas entre outras. A História das mulheres abriu caminhos ampliou-se e instituiu a história do gênero, que aborda a relação entre os sexos. Ver mais em: PERROT, Michelle. Op.ct., 2006.

<sup>29</sup> Ibid. p. 42.

<sup>30</sup> Elias utiliza este termo ver em: segundo ele. ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

<sup>31</sup> Ibid. p.32.

<sup>32</sup> PERROT. Michelle. Op. cit. p.45 e 46.



A questão da juventude é bastante importante na coluna. Deve-se pontuar que as personagens criadas por Alceu Penna são jovens e, sobretudo, solteiras. A última etapa da vida de uma *Garota* do Alceu não era a morte, mas sim, o casamento. É como se tudo, ou melhor, quase tudo, fosse possível quando solteira. A partir do casamento as mocinhas deveriam se comportar como rainhas do lar. E provavelmente, as lindas *Garotas* desatariam a mão do pai ao chegarem no altar e encontrarem o noivo. Do mesmo modo, as personagens desatariam a mão do criador, Alceu, e encontrariam as novas colunas e as novas revistas direcionadas a elas. As colunas e revistas que agora deveriam ler, as colunas e revistas nas quais, a partir do casamento, se tornariam personagens.

No caso do Brasil dos *anos dourados*, a questão da diferença comportamental e também do padrão imposto e cobrado de mulheres de diferentes classes sociais é notório. Em um conto de *Querida* analisado por Carla Bassanezi, as garotas de classe média eram colocadas como guardiãs da moral e dos bons costumes. “Nos contos (e também nas piadas) as personagens femininas muito ricas quase sempre são apresentadas como mulheres fúteis “independentes demais” ou até mesmo volúveis e levianas”.<sup>33</sup> As mulheres de classes mais elevadas também se desvinculavam das tarefas domésticas. O dinheiro, provavelmente, proporcionava mais liberdade às mulheres. Esse também é um dos fatores que proporciona às personagens de Alceu Penna uma maior permissibilidade e liberdade. As suas *Garotas* eram jovens mulheres de classe social abastada.

Somando-se à juventude e à classe social outro fator que desempenha importante função nessa ousadia comportada das *Garotas* é o humor. Assim como já foi acima escrito, a coluna circulava na secção de *Humorismo* juntamente com colunas como *Amigo da Onça* e *Pif Paf*. Diferentemente das colunas da secção *Para Mulheres*, a coluna de Alceu Penna não tinha como função trazer historietas em tom de conselhos nem ensinamentos diretos sobre condutas de uma moça de família. A principal função da coluna, embora não a única, era divertir o leitor. Era a ousadia pelo riso.

“O recurso do riso como instrumento de crítica revela uma prática muito antiga, que remontaria a um período da história da humanidade anterior a própria formação do Estado, quando os aspectos sérios e cômicos tinham peso idêntico.”<sup>34</sup> No contexto do Brasil da década de 1950, o valor do cômico não tinha peso idêntico aos aspectos sérios, todavia, se não o tinha, trazia outro valor, talvez não menos importante, o valor da permissibilidade. Na coluna, era permissível uma

<sup>33</sup> BASSANEZI, Carla. Op.cit. p.98.

<sup>34</sup> SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 12.



mocinha ter vários namorados, beber, ter ressaca, não gostar de tarefas domésticas, pois elas brincavam com as expectativas sociais de boa moça.

Imagens de mulheres, quase sempre, imagens sobre mulheres. “Produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais”.<sup>35</sup> A maior parte das imagens femininas que chegam até nós, ainda nos dias de hoje, são imagens produzidas por homens. No humor, não foi nem é diferente. E se algumas vezes essas imagens femininas humorísticas traziam atrelados valores que possibilitaram uma maior liberdade por parte do gênero mulher, outras vezes não. Rachel Soihet, ao analisar charges de o *Pasquim*, percebe ali a ridicularização do movimento feminista<sup>36</sup>. “Assim, se a arte é generificada, os usos da arte e do gênero podem ser colocadas a serviço tanto do sonho da revolução como se prestar à manutenção das hierarquias.”<sup>37</sup>

Nas *Garotas*, o humor brinca com as expectativas sociais, brinca com as condutas esperadas de uma moça de família. E mostra mocinhas diferentes das seções femininas. Contudo, não ridiculariza o papel da jovem na época, o que ocorre em muitas outras ilustrações de humor sobre mulheres. Provavelmente a conduta das personagens não é assim tão divergente da de algumas jovens da época. Mesmo porque, se as *Garotas* têm algumas atitudes mais liberais e ousadas, outras nem tanto. As colunas trazem sim inúmeras referências a bebedeiras, ressacas, leituras de “livros proibidos”, namoro com vários rapazes, e até infidelidades com namorados e amigas. Entretanto, poderíamos dizer que são transgressões ingênuas, e até mesmo um pouco infantis. Mas ainda assim divergem muito da normativa comportamental esperada das jovens mulheres da época e, sobretudo, das normativas propagadas por outras colunas e revistas da época.

Nas temáticas mulher, Igreja e política, os principais temas que aparecem na revista, evidenciam-se registros das mudanças que surgiram a partir da modernidade e a própria transformação da sociedade no período. À mulher dedicava-se toda a semana uma página, considerada a mais moderna da revista porque mostrava a mulher inovadora, que vestia roupa da moda, gostava de praia e frequentava espaços de diversão da cidade, como bares e outros. A coluna “garotas do Alceu” sintetizava a ideia de liberdade em tempos de mudanças.<sup>38</sup>

Leoní Serpa atrela as atitudes inovadoras das bonecas aos tempos de mudança que se configurava em meados do século XX. A historiadora acredita que elas buscavam mostrar uma mulher moderna. “A representação dos estereótipos de mulher modernizada, que usa cosméticos e

<sup>35</sup> PERROT, Michelle. Op.cit. p.17.

<sup>36</sup> SOIHET, Rachel. Preconceitos na charge de O Pasquim: mulheres e luta pelo controle do corpo. In: *Revista de História Cultura e Artes*, vol. 9 n.14. Uberlândia, 2007.

<sup>37</sup> PEDRO, Joana Maria. Artes do gênero e gênero da arte. In: *Revista de História Cultura e Artes*, vol. 9 n.14. Uberlândia, 2007. p. 7.

<sup>38</sup> SERPA, Leoní Teresinha Vieira. Op.cit. p.54.



está na moda, contrapunha-se à orientação das colunas da revista, que aconselhavam as mulheres a não se libertarem das amarras do marido e permanecerem apenas como donas de casa.”<sup>39</sup> Para ela, eram as páginas mais modernas da revista, elas mostravam que os tempos eram outros. Exibiam trajes seguindo as novas tendências da moda, usavam shorts, mini saias, roupas que modelavam o corpo, e eram bastante sensuais. Além, é claro, do expressivo aumento da publicidade e consumo de produtos de beleza. Produtos como cremes hidratantes, esmaltes e maquiagens. Além do mais, elas circulavam em novos lugares de sociabilidade, como salas de cinema e praias. Elas estimulavam um padrão mais ousado, mas a historiadora pontua: direcionam-se para um público jovem e de elite.

Cristina Meneguelo<sup>40</sup> também traz referência à coluna quando escreve acerca da sociabilidade nas salas de cinema, dos namoros, da figura das amigas que fofocam juntas nas salas. Das salas de cinema como lugar que se configuravam, naqueles anos, como local de crescente liberdade. Crescente liberdade, pois geralmente, as moças iam às salas de cinema desacompanhadas de seus pais. As personagens criadas por Penna são freqüentadoras desses locais.

Luciana Fornazari cita a coluna estudada quando escreve sobre as garotas da praia. Ao contrário de outras colunas, que criticavam as mulheres com poucas vestes nas praias cariocas, as *Garotas* traziam essas meninas como uma das maiores belezas da praia de Copacabana. “Eram garotas que circulavam na orla, habitavam espaços e preenchiam ansiedades e desejos masculinos: ‘nas manhãs de sol ardente elas se espalham na praia e o tempo fica mais quente’. Não somente caminham, mas param, bebem Martines e fumam cigarros compridos”.<sup>41</sup> Tem um comportamento muito próximo daquele propagado pelas divas do cinema da década de 1950.

O artista se inspirou nas garotas lindas e chiques da capital carioca e da República, e por meio de seu traço único estiloso e bem humorado, começou a influenciar não somente no modo de vestir das “garotas”, mas também em seu comportamento, pois Alceu as instigava a dirigir, a usar baby-doll, a tomar champanhe na virada do ano, a vestir calças compridas, tudo com muito charme, é claro.<sup>42</sup>

O cinema norte-americano consistia numa importante influência não só para as garotas de carne e osso, mas também para as *Garotas* de papel. As salas de cinema se multiplicavam em todo o mundo, assim como também no Brasil. No Brasil a cidade que acumulava o maior número de salas de cinema era o Rio de Janeiro, em especial estavam estabelecidas na Cinelândia. O universo mágico do cinema marcou aquela época, assim como o comportamento de suas divas ficou impresso na personalidade das mocinhas daquela época. “Os padrões de moral que os filmes

<sup>39</sup> Ibid. p.79.

<sup>40</sup> MENEGUELO, Cristina. 1996 Opt. Cit.

<sup>41</sup> FORNARI. Luciana. Op.cit. p. 6.

<sup>42</sup> BORIELLO, Silvia. *O traço encantado*: como o estilo ousado, fashion e com traço perfeito fizeram Alceu Penna um dos desenhistas que mais influenciaram sua época. In: Revista Costura Perfeita. Julho de 2008.



apresentavam, o padrão de beleza que as atrizes expressam, a exploração que a mídia faz da intimidade, [...] o que os críticos liam o que se achava de cinema, todas estas falas funcionam enquanto produção de seu sujeito”.<sup>43</sup>

O que talvez seja importante pontuar é esta questão da “influência”. A coluna trazia preceitos modernos e ousados, as mocinhas gozavam de uma liberdade ímpar para os padrões da época. Essa liberdade era possível, principalmente, por quatro fatores, tecidos ao longo deste item. A juventude, a classe social elevada, o humor e o fato de não serem garotas de carne e osso, e sim personagens, *Garotas de papel*. *Garotas* que apesar de todas as travessuras sempre acabavam com um final feliz, o casamento. Pois mesmo que modernas e ousadas, para o padrão da época, o grande sonho de uma *Garota* era o casamento, um casamento com um bom partido. As garotas de carne e osso não se diferenciavam muito das *Garotas de papel* neste sentido, tanto que Alceu assinou inúmeros vestidos de noivas, para ambas. Na época era uma coqueluche casar-se com um vestido de Alceu Penna. E assim era o *The end das Garotas* dos anos dourados. E talvez ainda continue sendo o das garotas dos tempos de agora.

*Garotas de papel, garotas de carne e osso*. As garotas brasileiras *dos anos dourados* de uma maneira geral influenciaram as *Garotas* do Alceu, assim como *a posteriori* as *Garotas de papel* começaram a ganhar vida através de suas leitoras. Seria quase um daqueles “conto de fadas” analisados por Danrton<sup>44</sup>, um “conto de fadas” como o *Pinóquio*, de *Gionarle per i Bambini*, o pedaço de pau falante que ganha vida nas mãos do carpinteiro *Mestre Gepeto*, ou de *Emília*, de Monteiro Lobato, a boneca de pano feita por Tia Anastácia que ganha vida ao engolir uma pílula falante dada por Doutor Caramujo. Aqui o *Mestre Gepeto* é Alceu, que não esculpe, e sim desenha aquelas garotinhas e o que dá vida a elas não seria uma pílula falante, mas suas leitoras que, pela prática da leitura, iam se apropriando das normas e padrões estabelecidos nas colunas.

#### *Bibliografia:*

- BASSANEZI, Carla e e URSINI, Lesley Bombonato. *O Cruzeiro e as Garotas*. In: Cadernos Pagu (4) 1995.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. de texto). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: Revistas Femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

<sup>43</sup> MENEGUELO, Cristina. 1996 Op.cit. p.69.

<sup>44</sup> Aqui faço referência aos contos e narrativas populares do século XVIII analisados pelo historiador Robert Darton. DARTON, Robert. *O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006.



- BORIELLO, Silvia. *O traço encantado: como o estilo ousado, fashion e com traço perfeito fizeram Alceu Penna um dos desenhistas que mais influenciaram sua época*. In: Revista Costura Perfeita. Julho de 2008.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- HABERT, Angeluccia Bernardes. *Fotonovela e indústria cultural: estudos de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- FORNAZARI, Luciana. *Gênero em Revista: Imagens de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós guerra*. Florianópolis: UFSC, 2001 (Dissertação de mestrado em História).
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. *Beleza: uma questão de gênero. Rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1990)*. Florianópolis: UFSC, 2005 (Tese de doutoramento em História).
- PEDRO, Joana Maria. *Artes do gênero e gênero da arte*. In: *Revista de História Cultura e Artes*, vol. 9 n.14. Uberlândia, 2007.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- SERPA, Leoní Teresinha Vieira. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo, Editora UPF, 2003.
- SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SOIHET, Rachel. *Preconceitos na charge de O Pasquim: mulheres e luta pelo controle do corpo*. In: *Revista de História Cultura e Artes*, vol. 9 n.14. Uberlândia, 2007.
- VIGARELLO, Geoges. *História da beleza. O corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.